



RELATOS DE VIAGEM SOB O OLHAR FEMININO: AS ANOTAÇÕES E AS PERSPECTIVAS ATRAVÉS DAS EXPEDIÇÕES EUROPEIAS

LEAL, da Luz Marcia¹

PRADO, do Melchior Solange²

RESUMO: A presente pesquisa aborda as condições das mulheres ao longo dos séculos XVIII e XIX e a transcrição de seus relatos de viagem que se tornaram de extrema importância para a construção da história por parte destas que a partir de suas perspectivas e de seu olhar aguçado conduzem o leitor a um caminho cada vez mais amplo em torno das singularidades sociais, econômicas e sociais, em especial no continente americano. As condições da mulher como figura única perante o homem e a sociedade desigual, os sofrimentos e desilusões, os ideais socialistas que mantinham o interesse em defender os interesses femininos e das classes operárias são descritos neste trabalho de pesquisa. Os relatos de viagem enfatizam o papel desenvolvido a partir dos conceitos de origem, gênero, classe, e etnia na construção da identidade de um continente denominado Europa que se percebe superior ao restante dos países do mundo. Maria Graham e Flora Tristan são viajantes célebres que publicaram suas experiências durante seus deslocamentos de um continente ao outro, bem como sua vida pessoal. Desta forma, a realização deste artigo se justifica devido ao fato de que o tema proposto abrange a dominação masculina sobre as mulheres e por estas terem feito parte de uma geração que atingida por transformações econômicas e sobretudo através de um novo modelo educacional. Este estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica, incluindo livros, artigos científicos e fontes online confiáveis, a fim de apresentar as perspectivas de diversos autores sobre o tema em questão.

Palavras-chave: Expedições Marítimas; Relatos de Viagem; Mulher.

INTRODUÇÃO

A literatura que abrange os relatos de viagem ao longo dos séculos XVIII e XIX através de mulheres que se aventuraram em expedições marítimas acompanhadas de seus pais ou por seus maridos é de fundamental importância

¹ Doutoranda do Programa de Desenvolvimento Rural Sustentável, UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon.

² Doutora pela UNIOESTE, Professora da Faculdade UNIGUAÇU.



V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024
HÍBRIDO
UNIPAMPA/RS-BRASIL



para o entendimento da história que engloba o Continente Americano e em especial a América Latina. A ciência era um mundo explorado em sua totalidade por homens, e as terras exploradas eram objeto de enriquecimento das metrópoles europeias e por interesses particulares.

A visão feminina das poucas mulheres que se aventuraram permite observar com riqueza de detalhes as condições das suas populações de origem e daquelas que passaram a ser colonizadas, e ainda a composição dos navios expedicionários que eram em sua totalidade de tripulantes masculinos. As viagens longas também eram um empecilho para a presença feminina nestes navios, além das condições insalubres.

Dessa forma, este estudo objetiva apresentar algumas anotações e as perspectivas através das expedições europeias no período do colonialismo e pós-colonialismo por meio dos relatos de mulheres viajantes, tendo como base as autoras Maria Graham e Flora Tristán, que atuaram como desbravadoras num cenário envolto a preconceitos e submissões.

O período colonial e pós-colonial foi uma fase significativa na história global, marcada por mudanças profundas nas estruturas políticas, sociais e econômicas de diversas regiões do mundo.

Segundo Webster, 2011, o colonialismo, estendendo-se aproximadamente dos séculos XVI ao XVIII, foi caracterizado pela conquista e domínio de territórios por potências europeias, como Portugal, Espanha, Inglaterra e França. Essas nações buscavam expandir seus impérios, explorar recursos naturais e divulgar suas culturas e religiões. No entanto, o colonialismo também trouxe consigo a exploração e a subjugação de povos indígenas e a escravidão de povos africanos, além de intensos preconceitos e submissões pelos colonizadores.

Já o período pós-colonial, surgido nos séculos XIX e XX, se caracterizou pela independência de muitos países anteriormente colonizados e pelas transformações sociais e políticas que se seguiram. Embora as novas nações tenham se libertado do jogo colonial, muitas delas ainda enfrentaram desafios decorrentes do legado colonial, como desigualdades sociais e problemas econômicos.

Neste contexto, as autoras Maria Graham e Flora Tristán atuaram como desbravadoras, tendo viajado e escrito sobre suas experiências em meio ao cenário



V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024
HÍBRIDO
UNIPAMPA/RS-BRASIL



marcado por preconceitos e submissões. Maria Graham, nascida em 1785, foi uma escritora e ilustrada britânica que passou por vários países, incluindo a América do Sul, e relatou suas experiências em livros como "Diário de minha residência no Chile". Já Flora Tristán, nascida em 1803, foi uma escritora e ativista francesa que se destacou pelas suas viagens pela América do Sul e pela defesa dos direitos dos trabalhadores e da emancipação feminina. Embaixadores, através de suas narrativas, desenvolveram para a compreensão das realidades sociais e políticas dos períodos coloniais e pós-coloniais, ao mesmo tempo em que desafiaram as convenções sociais da época.

Ambas as autoras atuaram como pioneiras em um contexto marcado por preconceitos e submissões, contribuindo com suas narrativas para a compreensão dos processos históricos e sociais destes períodos. "As viagens de Flora Tristán e Maria Graham abriram caminho para novas formas de envolvimento feminino no mundo público, apesar das muitas barreiras sociais que elas enfrentaram em suas jornadas." (Linda Craft, *Journal of Women's History*, 1999, p. 137).

Pratt (1999), a partir da análise de relatos de viagens que atracaram na América no século XIX, define os europeus como contribuintes para o aparecimento de novos territórios aos que já eram conhecidos para o fortalecimento da expansão política e também da economia do antigo mundo. Também dedicou uma especial atenção aos relatos femininos de viagem, salientando, dentre outras, Flora Tristán e Maria Graham. Para elas, o viajar significa encontrar a autorrealização pessoal, que está intrínseca com uma maior subjetividade e também sensibilidade, assim como para o reconhecimento das injustiças sociais. Sendo assim, suas narrativas possuem um caráter político.

Para Maria Graham e Flora Tristán, o ato de viajar representou um caminho para a autorrealização pessoal, promovendo uma maior subjetividade e sensibilidade, além de despertar a consciência sobre as injustiças sociais. Suas narrativas adquiriram, assim, um caráter político, semelhante ao discurso masculino predominantemente na época.

No entanto, é importante destacar que, durante esse período, o domínio do discurso masculino era extremamente forte, e a participação das mulheres em atividades como viagens e narração de experiências não era totalmente aceita ou encorajada pela sociedade. As viagens e explorações eram frequentemente consideradas uma atividade



V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024
HÍBRIDO
UNIPAMPA/RS-BRASIL



exclusiva dos homens. Nesse contexto, as narrativas de Graham e Tristán desafiaram as convenções sociais da época, quebrando barreiras e abrindo caminho para a inclusão de vozes femininas em temas então até predominantemente masculinos

A realização deste estudo se justifica pelo fato de que estas mulheres fizeram parte de uma geração que foi atingida por transformações econômicas e sobretudo através de um novo modelo educacional, tendo em vista que eram educadas apenas para realizar atividades no ambiente doméstico e acabaram por expandir-se muito além, afastando-se deste espaço em um determinado período de tempo, construindo sua própria autonomia e passando a ter uma relação com a escrita muito mais voltada para a religiosidade, para a estética e para a moral.

Nesse contexto, Graham e Tristán conquistaram sua autonomia, estabelecendo uma nova relação com a escrita, mais focada na religiosidade, na estética e na moral. Suas narrativas refletem essas preocupações, demonstrando como a educação e as mudanças socioeconômicas influenciaram suas visões de mundo.

Roslyn Fraad Baxandall, professora emérita de estudos americanos na Universidade do Estado de Nova York, em seu artigo "*Catching the Fire: Philosophy, Feminism, and Transnationalism in Maria Graham*", que discute as transformações sociais e a educação que influenciaram as viagens e escritas de Maria Graham: afirma que: "A vida e as viagens de Maria Graham foram marcadas por mudanças significativas na educação e no status social das mulheres, especialmente dentro da classe média urbana. As mulheres começaram a se aventurar em áreas que anteriormente eram dominadas pelos homens e a reclamação a autoria de seus próprios textos.

2 RELATOS DE VIAGEM SOB O OLHAR FEMININO: AS ANOTAÇÕES E AS PERSPECTIVAS ATRAVÉS DAS EXPEDIÇÕES EUROPÉIAS

Ao longo dos séculos VXIII e XIX, iniciou-se a busca por novas terras, que mais tarde, tornaram-se colônias de exploração, embora o objetivo inicial fosse de desbravamento destas a partir de seus povos de origem, que mais tarde passariam a gerar lucros para as Metrôpoles europeias.

No período de expansão imperial, ocorrido principalmente entre os séculos XVIII e XIX, as potências europeias, já com colônias condicionais, buscavam expandir seus territórios e influência global através da conquista e anexação de novas áreas. Este



V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024
HÍBRIDO
UNIPAMPA/RS-BRASIL



período foi marcado por um forte sentimento de nacionalismo e competição entre as nações europeias pelo controle de territórios e recursos.

Já o colonialismo, que teve início nos séculos XV e XVI e se estendeu pelo século XVII, caracterizou-se pela colonização de territórios na América, África e Ásia por nações europeias como Portugal, Espanha, Inglaterra e França. Neste período, o objetivo principal era explorar os recursos naturais e a mão de obra indígena, além de disseminar a religião e a cultura europeia Benjamim, 2009.

No entanto, a presença da mulher era incomum nas embarcações que, após dias em alto mar, aportavam em terra firme, e passavam a transitar em territórios amplamente desconhecidos. Um dos mais notórios viajantes do século XIX foi Alexandre Von Humboldt, que servia como referência organizativa de fundamental importância para a constituição das expedições naturalistas (PRATT, 1999, p. 195). Destaca-se, portanto, que o projeto de Humboldt de descrição física do mundo, passou a ser objeto de inspiração para muitos viajantes deste período (LEITE, 1997).

Para que haja compreensão dos relatos de viagem realizados por figuras femininas, é imprescindível se ater a dois fatores: o viajante e o espaço geográfico. Durante o período colonialista, os viajantes realizaram definições em torno das singularidades sociais, econômicas e sociais, em especial no continente americano e/ou na América Latina.

Um conceito abordado por Pratt (1999) mostra o discurso dos viajantes influenciando na construção do imaginário europeu, em especial no século XIX com a chamada Zona de Contato, que se configura em um espaço em que duas ou mais culturas distintas se chocam e se relacionam através da dominação e da subordinação, assim como nas relações de colonização.

No período que compreende o pós-colonialismo, os relatos de viagem enfatizam o papel desenvolvido a partir dos conceitos de origem, gênero, classe, e etnia na construção da identidade de um continente denominado Europa que se percebe superior ao restante dos países do mundo.

A figura feminina não se constituía como objeto de interesse por parte dos grandes historiadores até algumas décadas passadas. A mulher tinha que se manter em silêncio no meio público, sendo, portanto, na grande maioria das vezes impedida de descrever a



V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024
HÍBRIDO
UNIPAMPA/RS-BRASIL



história a partir de seu ponto de vista. Maria Graham fez seus relatos de viagem em um momento em que a mulher ainda não era considerada como sujeito ativo da história, período em que houveram os cenários de guerra, de diplomacia e de política, que eram esferas não permitidas para a atuação da figura feminina. A Igreja por exemplo, era uma Instituição que através de seus livros religiosos e documentos oficiais, controlava, vigiava e punia as mulheres. Em consequência disso, são raros os documentos que relatam a presença da mulher no cenário historiográfico deste período (SOIHET, 1997, p. 276).

A escassez de vestígios acerca do passado das mulheres, produzidos por elas próprias, constitui-se num dos grandes problemas enfrentados pelos historiadores. Em contrapartida, encontram-se mais facilmente representações sobre a mulher que tenham por base discursos masculinos determinando quem são as mulheres e o que devem fazer (SOIHET, 1997, p. 295).

É importante destacar que Maria Graham, também se mostrou interessada na obra de Humboldt, na parte que exprime a referência que o autor faz em sua obra do naturalismo, pois, embora o viajante não tenha aportado em terras brasileiras, viajou pela América do Sul, chegando à região no ano de 1799, acompanhado de Aimé Bonpland.

Somente a partir de 1990 é que estudos feministas buscam resgatar os relatos de mulheres viajantes, buscando valorizar a contribuição da mulher branca e ocidental no processo de formação colonial e na construção do discurso de gênero (DOMOSH; MORIN, 2003, apud RAMON, et al, 2008, p. 40).

Para Pratt (1999), o relato das viajantes centra-se a partir da visão da cidade de dentro de suas casas, num mundo privado, num momento em que se sentem sozinhas, sentindo-se à vontade, pois este é o único espaço que possuem para organizar suas análises, momentos os quais não estão submetidas às conveniências sociais, às regras de etiqueta.

As escritas femininas se dão sobre a influência do sentimento de liberdade por estarem longe de seus países de origem (as metrópoles), uma vez que passam a ser diferenciadas da população local, enquanto o olhar masculino encontra-se voltado para as descobertas científicas, para o comércio e para os recursos naturais, para atender à demanda européia. A partir desta premissa, é importante salientar que os relatos das



mulheres viajantes marcam vigorosamente a questão de gênero como um importante fator na produção de diferenças internas.

Em meio aos viajantes europeus que vieram para o Brasil estavam pintores, naturalistas, missionários, militares, comerciantes, jornalistas, diplomatas, comerciantes e ainda mulheres que chegaram até aqui nas condições de esposas ou filhas, depois de passar por longos períodos de viagem. Estes viajantes aportavam nestas terras com interesses de cunho público e privados, de modo que os interesses públicos se reportam aos interesses comerciais, expansionistas e a criação de espaços como os museus. Já os interesses privados fazem referência à busca de enriquecimento, às perspectivas de trabalho e ao espírito de aventura (LISBOA, 1997, p. 32).

É importante destacar, na maioria dos casos, que as expedições europeias eram financiadas pelo governo ou por mecenas, dando origem a textos que acabaram ganhando espaço no mercado editorial no continente europeu durante os séculos XVIII e XIX, e que na contemporaneidade constituem a chamada “literatura de viagem”, que de acordo com Lisboa (1997, p. 34):

(...) para que um texto seja considerado literatura de viagem, é o deslocamento físico do autor pelo espaço geográfico, por tempo determinado, e a transformação do observado e do vivido em narrativo. Mas essa premissa não esgota a abrangência do gênero. Sua história revela inúmeras formas errôneas e inúmeros estilos e descrições. Diferenças que, demarcadas pelas condições históricas e pela dimensão subjetiva dos autores, como já mencionado, dificultam em parte qualquer definição muito rigorosa do gênero. Suas manifestações caminham entre a crônica, a epístola, o romance, a poesia, o diário e o relato científico, acrescentado não raramente do correspondente iconográfico.

Maria Graham é uma das viajantes mais célebres que esteve no Brasil, acompanhada de seu esposo Thomas Graham, chegando ao país em 1821, a bordo do navio *Doris*, em uma viagem que tinha como finalidade defender os interesses ingleses no contexto político-econômico da América do Sul. Após um período de estada no Brasil, o casal embarcou rumo ao Chile, onde Thomas veio a falecer, e Maria Graham recusando propostas de retorno à Europa permaneceu no país por somente mais um ano, retornando



V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024
HÍBRIDO
UNIPAMPA/RS-BRASIL



ao Brasil e aportando na cidade do Rio de Janeiro, onde recebeu o convite de Dom Pedro I para ser a preceptora da princesa Maria da Glória que, mais tarde, tornou-se Rainha de Portugal.

Mesmo aceitando o cargo oferecido pelo Imperador, solicitou licença por parte do mesmo para voltar ao seu país de origem, a Inglaterra, para publicar três livros, dois sobre o Chile, onde esteve com seu primeiro esposo e um sobre o Brasil, obra que dividida em duas partes retrata o ambiente em que vive a corte portuguesa e as intrigas que palacianas durante todo o período em que ela esteve presente ali.

Em seus livros, Maria Graham descreve com detalhes suas observações, raios e reflexões sobre a paisagem natural, a cultura, a política e a sociedade dos locais que visitou. Sua escrita é rica em proteção pessoal e histórias dos habitantes, e os livros são considerados importantes fontes históricas e social para entender a realidade dos países latino-americanos da época.

No Rio de Janeiro, Graham, 1824, dedicou suas anotações no Diário a uma visita realizada ao Jardim Botânico, e daí à Lagoa Rodrigo de Freitas, relatando suas impressões sobre a natureza: "cercada de montanhas e florestas exceto onde uma pequena barra arenosa permite um desaguamento ocasional para o mar... É impossível conceber algo de mais rico do que a vegetação que vem até a borda da água em volta do lago." Sobre o Jardim Botânico, informa que "Esse Jardim foi destinado pelo Rei para o cultivo de especiarias e frutos orientais e, acima de tudo, para o do chá, que ele mandou vir da China juntamente com algumas famílias acostumadas à sua cultura". Para a autora, nada pode ser mais próspero do que o conjunto das plantas.

Embora não fosse comum que as mulheres viajassem em expedições, Maria Graham já havia visitado anteriormente lugares como a Índia na companhia de seu pai e a Itália, ressaltando que os custos destas viagens eram altíssimos.

No Brasil, a viajante tinha interesse direto nas questões escravagistas e nos dados sobre os navios negreiros que aportavam nessas terras, por este motivo costumava visitar os mercados, manifestava interesse ainda pela política interna do país. Para Leite (1997, p. 47) as mulheres viajantes tinham mais capacidade para realizar os relatos das condições de vida das mulheres no Brasil. Portanto, é imprescindível destacar que estes relatos comumente restringiram-se à mulher portuguesa (ou de origem portuguesa) branca.



É oportuno salientar que, durante as viagens marítimas, os expedicionários enfrentavam dificuldades relacionadas às intempéris da natureza, à demora de chegada ao destino, às condições insalubres dentro dos navios, e às doenças tropicais, fatores que limitavam a presença feminina em viagens desta proporção, levando ainda em consideração, que as tripulações que compunham estes navios eram quase em sua totalidade composta por homens.

Por este motivo, Leite (1997, p. 144) acredita que estas viagens poderiam passar a significar para a mulher das primeiras décadas do século XIX uma ampliação do espaço social em que estava inserida, especialmente se esta optasse por escrever e publicar suas experiências durante estes deslocamentos.

Ressalta-se que as mulheres que viajavam com seus maridos acabavam rompendo os padrões da sociedade de duas formas: por não se reservarem aos espaços domésticos e por se exporem publicamente ao realizar seus relatos de viagem.

Leite (1980, p. 143-144) realizou uma pesquisa com 150 viajantes que estiveram no Brasil, e dentre estes, apenas 17 eram mulheres, fator que deixa evidente a pequena quantidade de pessoas do sexo feminino que publicaram suas experiências ao longo do século XIX.

Segundo os pressupostos de Leite (1997, p. 10) através dos estudos que fazem referência aos viajantes que estiveram no Brasil, é possível observar a relação de assimetria que se institui entre os narradores e os que são narrados, entre aquele que colonizou e aquele que é colonizado, entre o padrão e aquilo que se pretende padronizar.

O olhar estrangeiro traz a postura do civilizado diante do povo atrasado, reforçado por uma série de obstáculos linguísticos, culturais e econômicos à compreensão do grupo visitado. Mesmo quando o viajante não pertence à nobreza ou à alta burguesia, identifica-se com a civilização europeia e seus padrões de avaliação dos homens, de acordo com o êxito ou o fracasso (LEITE, 1997, p. 10).

No que se refere à predisposição de se usar a cultura de origem como um determinante único das descrições apresentadas nos relatos de viagem, Lisboa (1997, p. 47) adverte que "ao mesmo tempo em que o viajante fala do lugar visitado, reelabora o seu próprio lugar de origem, permanecendo em constante diálogo com as suas referências,



V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024
HÍBRIDO
UNIPAMPA/RS-BRASIL



que podem ser revistas, negadas ou reiteradas. A narrativa sobre o ‘outro’ também é, afinal, a narrativa sobre ‘si mesmo’”.

Outra personalidade que, através de suas obras, realizou seus relatos de viagem foi Flora Tristán, conhecida pela História como uma mulher revolucionária e aventureira, nascida em Paris, na França em 1803. Flora lutava pelos direitos da mulher e da classe trabalhadora, sendo, portanto, a precursora do socialismo utópico francês e do movimento feminista. Desta forma, suas narrativas apontam a condição da mulher durante o século XIX, o olhar feminino perante a sociedade e sobre os ideais feministas quanto as condições em que se encontram as mulheres.

A autora apresenta em seus relatos fontes muito ricas do período da expansão de suas viagens. A partir de suas obras, é possível realizar reflexões em torno das relações do indivíduo e da sociedade, de forma que a sociedade modifica os seres humanos e seres humanos modificam a sociedade, partes fundamentais para se compreender a história. Assim, ao passo em que Flora ia realizando suas viagens, também ia publicando seus relatos. Suas viagens foram realizadas a países como Peru, Inglaterra e Itália, mantendo-se sempre atenta às condições em que vivia a sociedade local.

Em sua viagem ao Peru, a viajante fez críticas à questão da escravidão na Inglaterra, que estava passando pelo período da Revolução Industrial, observou que os trabalhadores nas fábricas viviam acondicionados em situações ainda piores do que as que presenciou na França. Desta forma, durante suas viagens, Flora auto criticava-se, percebendo que mantinha uma visão preconceituosa e fechada no que se refere aos aspectos culturais de outros países, fazendo comparações com a França.

Com a morte de seu pai, no ano de 1808, Flora e sua família foram submetidos à situação de pobreza, passando a idealizar o momento em que poderia realizar uma viagem à América para reivindicar a fortuna do pai que era um peruano emigrado para a Espanha. Durante este período de tempo, no ano de 1820, devido às dificuldades, Flora passou a trabalhar como operária em uma oficina de litografia, onde conheceu André Chazal, jovem proprietário da empresa que acabou por se apaixonar por ela, que almejando fugir da pobreza e melhorar a situação de sua família, acabou casando-se, mesmo sem amor.

Alguns anos depois, cansada de sofrer pela união convencional da época, abandonou seu lar e passou a disputar com o ex-marido seus direitos durante um período



V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024
HÍBRIDO
UNIPAMPA/RS-BRASIL



de doze anos. Chazal foi condenado a realizar trabalhos forçados por vinte anos, após perseguir, ameaçar e tentar assassinar a ex-mulher, com dois tiros que acertaram seu peito. Os disparos não foram fatais e de acordo com Flora "Deus engoliu as duas balas". Para tanto, a vida privada da autora foi envolta em drama.

Este ato de condenação serviu como estímulo para o desenvolvimento de pensamentos e ações importantes para o movimento feminista. Figura única, ela passou a denunciar os sofrimentos da mulher do seu tempo, realizando reivindicações que continuam até os dias de hoje.

No ano de 1833, Flora finalmente consegue realizar uma viagem com destino ao Peru para reaver a herança deixada por seu pai. Mal recebida por seus parentes, passou a receber somente uma modesta pensão anual.

Segundo DÓRIS, 1969, assim, que Tristán retorna à Europa, reafirmou os seus ideais de igualdade, que foi amadurecendo, desde 1825, a partir dos escritos de autores renomados como Fourier, Saint-Simon, Aurora Dupin, Owen e Considerant. Tais fontes fornecem informações importantes sobre a formação intelectual de Flora Tristán e a influência dos escritos dos autores relatados em seus ideais e pensamentos

Em 1835, Flora publicou seu primeiro folheto, dedicado totalmente às mulheres pobres e estrangeiras que habitavam em seu país de origem. Sua segunda obra saiu em 1837, em prol de seu divórcio com Chazal. Em 1838, dois volumes são publicados sobre o seu diário de viagem à América, com o título de "Peregrinações de uma Pária". Flora aprofundou seu compromisso com as lutas sociais em prol da classe trabalhadora e da mulher, incluindo em suas manifestações sua oposição contra a pena de morte, a escravidão e o obscurantismo religioso.

Embora Tristán tenha apresentado sua visão socialista em sua luta por classes, pelo socialismo e ainda demonstrado sua real insatisfação em função da dominação do sexo masculino sobre o sexo feminino, é importante destacar seu olhar europeu sobre os demais continentes e sua educação moral e religiosa, de forma que sobre os seus discursos mesmo que de forma direta ou indireta está o condicionamento de seus valores cristãos.

No Peru, Tristán (2000) descreve desde a religiosidade da população local e as crenças até os posicionamentos políticos, as vestimentas, os costumes e ainda sobre as paisagens das cidades visitadas, principalmente Arequipa e Lima, descrevendo também a



V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024
HÍBRIDO
UNIPAMPA/RS-BRASIL



paisagem do deserto, destacando os três vulcões de Arequipa. Deste modo, ao realizar as abordagens sobre os acontecimentos e as relações sociopolíticas, ela sempre se coloca como sujeito atuante dos fatos e acontecimentos, ou seja, é uma observadora participante.

A autora tem seu olhar feminino muito mais próximo dos conflitos sociais e políticos do que o olhar masculino, distante, sendo este portanto, o diferencial nos relatos da mesma, no que tange à geografia de gênero.

Vale destacar que embora os escritos de Flora Tristan tenham levado mais de meio século para serem divulgados no Peru e na América Latina, no campo dos estudos feministas e de gênero, ao constituir a figura da mulher como um sujeito ativo no espaço das mudanças sociais, seus relatos grifam os caminhos para levar a uma reinterpretação e revalorização do discurso geográfico, histórico e social na América Latina.

Contudo, Flora foi uma das viajantes que desenvolveu formas minuciosas de observação, graças aos seus hábitos diferenciados de socialização. Aos 41 anos de idade, a escritora faleceu, vítima de tifo, na cidade de Bordéus, na França.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho de pesquisa é possível concluir que o ato de escrever possibilitou que as mulheres pudessem ser “encontradas” pelos historiadores, remediando uma silenciosa falha da História, trazendo relatos detalhados sob a perspectiva da visão feminina em viagens permitidas apenas para homens. A partir destes relatos, foi possível ainda encontrar as palavras que reconduzem a um processo de reconstituição das memórias dos relatos das expedições marítimas.

As mulheres como autoras passaram a relatar seu cotidiano, suas lutas e decepções, suas ideologias e aspirações. As transformações sociais e políticas decorrentes das Revoluções Burguesa e Industrial no século XIX, proporcionaram novas formas de socialização para a figura feminina.

É possível concluir ainda que as mulheres puderam se inserir na história da humanidade por meio de sua própria escrita, de suas expressões e ideologias. A luta pelos direitos da mulher e da classe trabalhadora, apontam a condição feminina durante o século XIX, o olhar perante a sociedade e sobre os ideais feministas quanto às condições em que se encontravam as mulheres. Houve ainda a visão preconceituosa e fechada de cunho



V SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA

DECOLONIZAR O SABER, O PODER, O SER E O VIVER

28, 29 E 30 DE AGOSTO DE 2024
HÍBRIDO
UNIPAMPA/RS-BRASIL



européu no que se refere aos aspectos culturais dos outros países, e as comparações com os costumes europeus.

A história da América Latina também pode ser compreendida através do olhar feminino, por meio de relatos de uma realidade vivenciada e não somente presenciada e/ou observada. Contudo, visualizou-se a formação de novos territórios com população de origem europeia e em sua maioria homens.

REFERÊNCIAS

CRAFT, Linda. Mulheres Viajantes e Voz Narrativa: O Diário de Flora Tristán e o 'Diário' de Maria Graham. *Jornal de História da Mulher*. Volume 11, Número 3, Outono de 1999, p.137.)

Baxandall, Roslyn Fraad. Catching the Fire: Philosophy, Feminism, and Transnationalism in Maria Graham. *Hypatia: A Journal of Feminist Philosophy*, Volume 27, Número 3, 2012, p. 545.

BÉJU, Claude. Flora Tristan: feminista utópica: seus diários de viagem e cruzada pessoal. Traduzido pessoal. Traduzido por Benjamin F. e Joyce P. Koontz. Indiana: Indiana University Press, 1993.

BENJAMIM, Tomás. O Mundo Atlântico: Europeus, Africanos, Índios e a sua História Compartilhada. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 24.) e disseminar a religião e a cultura europeia.

DÓRIS, Beik. "Flora Tristan: Feminista Utópica." *The French Review*, Volume 42, No. 3 (1969): 369-378.

GRAHAM, Maria. Diário de uma residência no Chile, durante o ano de 1822. E uma viagem do Chile ao Brasil em 1823. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green, 1824.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. **A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX**. Antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: EDUSP, 1984.



LISBOA, Karen Macknow. **Viajar e Relatar.** In: A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Editora Hucitec, FAPESP, 1997.

PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império: relatos de viagens e transculturação.** Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru: EDUSC, 1999.

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres.** In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

TRISTÁN, Flora. **Peregrinações de uma pária.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

WEBSTER, Anthony. A Economia Política da Liberalização Comercial : A Lei da Carta da Companhia das Índias Orientais de 1813. The Journal of Imperial and Commonwealth History, Volume 39, Número 3, 2011, p. 362.